

PORTUGALIA

MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ

EXTRACTO DO TOMO I, FASCICULO I

T. 6

ROCHA PEIXOTO

ETHNOGRAPHIA PORTUGUESA

Habitação

OS PALHEIROS DO LITTORAL

COM 7 ILLUSTRACÖES, DESENHOS DE C. VILLARES E F. GIL



BIBLIOTECA E MUSEU
MUNICIPAL
— DA —
Fóvoa de Varzim

PORTO
IMPRESA MODERNA

1899

PORTUGALIA

MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ

EXTRACTO DO TOMO I, FASCICULO I

ROCHA PEIXOTO

ETHNOGRAPHIA PORTUGUESA

Habitação

OS PALHEIROS DO LITTORAL

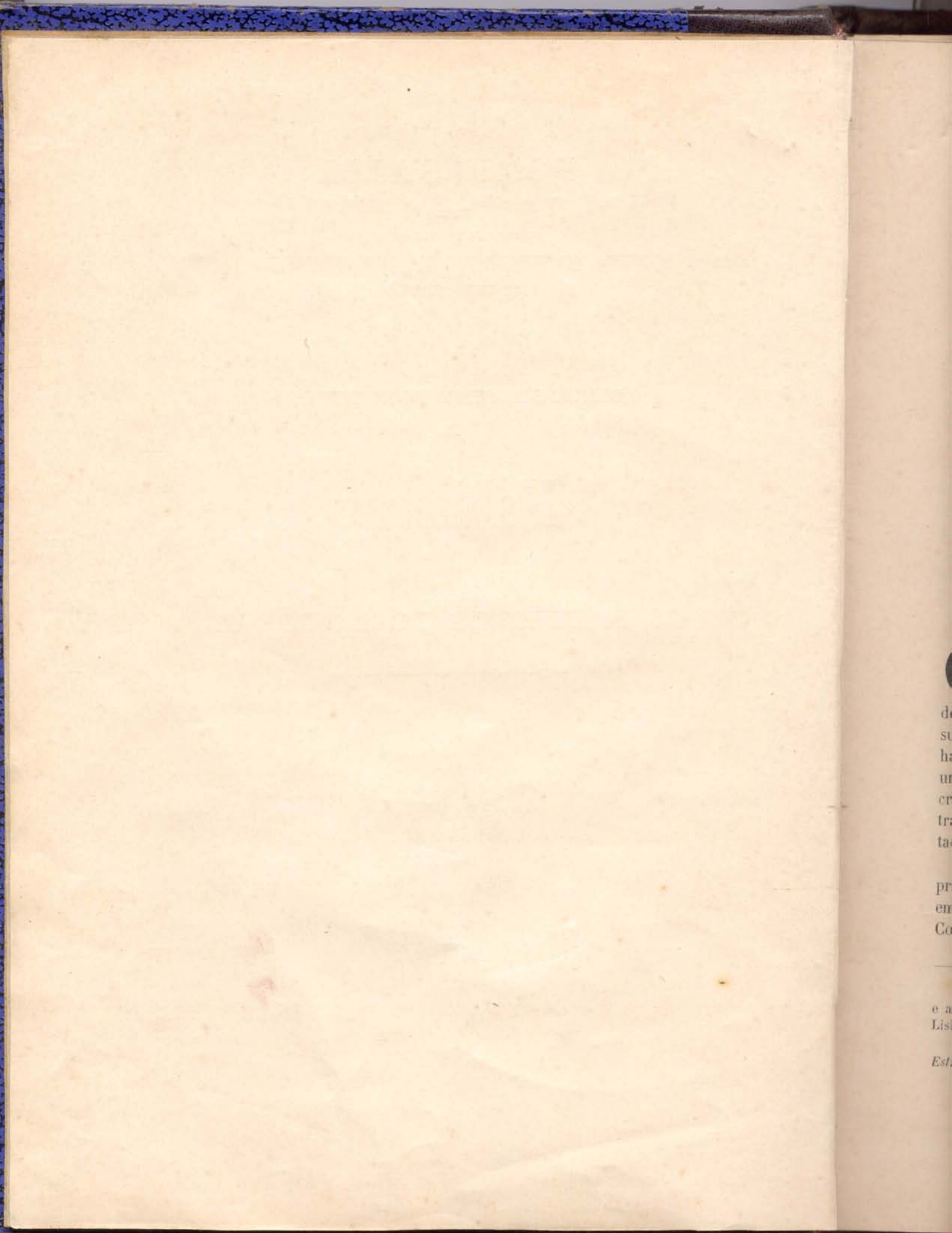
COM 7 ILLUSTRAÇÕES, DESENHOS DE C. VILLARES E F. GIL



BIBLIOTECA E MUSEU
MUNICIPAL
— DA —
Fóvoa de Varzim



PORTO
IMPRESA MODERNA
—
1899



de
su
ha
un
cr
tra
ta

pr
em
Co

e a
Lis

Est



Habitação

OS PALHEIROS DO LITTORAL

I

COMO em varias formas cultuaes, no vestuario, em certo mobiliario domestico, n'uma parte da alfaia agricola e maritima e em muitas outras manifestações tradicionaes do genio popular, observa-se na habitação um elemento de apreciavel valor para o conhecimento das faculdades elaboradoras do povo, da sua energia na apropriação dos recursos naturaes em cujo meio se agita, dos seus habitos, occupaões e tendencias. Apagam-se, porém, n'um crescente sentido de uniformisação ou de incaracteristica architectura cosmopolita, os typos tradicionaes creados sob a imposição da geologia e do clima, do espirito ou do costume, dos traços conjunctos que imprimiam destaque aos aspectos geraes das formas de habitação erectas por uma mesma familia ethnographica.

A casa urbana é aquella em que essa transformação se realisa accentuadamente progressiva e rapida. Só em esquecidas povoações do interior a sobrevivencia, como em varios ritos e praticas consuetudinarias, aviva a imagem de localidades d'outr'ora: Constantino de Panoias; em Traz-os-Montes, ¹ por exemplo, Bobadella, ² Trancoso

¹ GABRIEL PERRERA. *Casa portuguesa*, in *Arte portuguesa* (Revista illustrada de archeologia e arte moderna), n.º 1, pags. 21-2. Lisboa, 1895. Estudo reproduzido no *Occidente*, xix, pag. 132. Lisboa, 1896.

² MARTINS SARMENTO. *Relatorio da Secção Archeologica. (Expedição scientifica á Serra da Estrella em 1881)*, pag. 13. Lisboa, 1883.

e Celorico, ¹ na Beira, outros trechos, rareando sempre, n'outras villas. Do caracter que um detalhe exterior, a gelosia, marcava á casa de algumas localidades minhotas e que á Braga conventual e mystica dava uma negra impressão de carcere ² pouco resta depois das breves modificações de ha trinta annos. E com a exteriorisação vae-se a disposição interior, os annexos, a decoração, os traços accessorios infinitamente variados mas estreitamente logicos que exprimiam a intimidade da existencia passada.

Emtanto a desnacionalisação da moradia mal invade e se generalisa por muitos centros ruraes, ou seja em virtude d'uma obstrucção tenaz ao seu ingresso por tradição e habito, ou ainda por circumstancias locaes que determinam a persistencia d'uma architectura regional. É então que o estudo d'este elemento da vida popular reveste, sob multiplices aspectos, uma consideravel significação.

A geologia, primeiramente, dicta subordinações que logo se tradusem no aspecto geral d'um burgo e pormenores. N'um solo granitico onde a agua surge de nascentes com affluencia restricta, as casas dispersam-se; no calcareo em que aquellas são mais raras mas copiosas, agglomeram-se. ³ É o caso extremenho, é o caso minhoto, por exemplo. Se a cal abunda, a povoação emerge alva e vivaz, como no Algarve; se falta, dilue-se, confusa e esparsa, por entre a vegetação sombria (Trazos-Montes, Beira).

As ondulações do solo granitico, nas regiões serranas principalmente, aproveitam-se muitas vezes n'uma parte da parede ou mantem-se no pavimento tortuoso; e os blocos com que o predio se ultima, em harmonia com a natureza que o cerca, dispõem-se quasi sem apparelho, sem preoccupações de fiadas, nem rebocos. Se a rocha não sobeja, só a parte terrea a utiliza; se escasseia deveras, fabrica-se uma, o adobe, com materiaes da região, areia e cal (Aveiro, Mealhada, Figueira, etc.).

Á natureza do solo está naturalmente ligada a vegetação de alto fuste apropriavel como elemento constructivo. Do castanheiro, sobre e pinho todos conhecem o papel; mas como as madeiras de construcção rareiem no Algarve, os forros obteem-se com ripados de canna que cordas de palma prendem e reúnem. ⁴

A adaptação ao clima obriga a providencias e previsões que se exhibem em escala variavel no exterior do edificio. O telhado de beiral allongado e balcão avançando attenua, em algumas regiões, ⁵ os effeitos das ardencias e nevadas (Bragança, Guarda, etc.); para que os gelos se não demorem tem a cobertura um rapido

¹ FILIPPE SIMÕES, ap. HENRIQUE DAS NEVES. *Casa portuguesa*, in *Occidente*, xix, pag. 102. Lisboa, 1896.

² D. ANTONIO DA COSTA. *No Minho*, pag. 81. Lisboa, 1874.

³ PAUL CHOFFAT. *Poços artesianos*, pag. 5. Lisboa, 1898.

⁴ *Inquerito industrial de 1890*, I, pag. 258. Lisboa, 1891.

⁵ HENRIQUE DAS NEVES. *Ob. cit.*, pag. 110.

declive (Marão); e os ventos desabridos da montanha, a despeito da escolha em recantos de encosta abrigada, demandam as fiadas de pedras fixando a telha (Baião, etc.), as grossas placas de schisto cobrindo o telhado igualmente schistoso (Povoa, Telhada, Montes, no Marão) ou os barrotes e grossas vigas fixando os colmos (Campeã). Nevando ou ventando muitos dias nem os raros postigos se abrem (Gralheira, Marão) embora haja que supportar penosamente os productos da fogueira. Se a ventania, porém, é violenta e com ella o abaixamento de temperatura constituem um flagello (Castro Laboreiro) mudam-se as residencias para as inverneiras, outras habitações situadas n'um valle profundo e abrigado da tormenta. ¹

Mais que a adaptação ao meio cosmico os estylos da habitação testemunham materialmente o genio do povo e até, pela persistencia de alguns typos, representam o espelho fiel da vida n'outras eras. Os «fornos» do Gerez, abrigos de pastores onde só muito baixado se penetra ² e as barracas de «sochão» abertas na rocha das escarpas (trajecto dos Arcos para o Soajo e Peneda) suggerem breve alguns aspectos da vida troglodytica. E das habitações lusitanas de alguns castros veem-se no valle do Mondego, como despojos evocantes, casas circulares colmadas, á mistura com outras quadradas em que a cobertura, boleando pouco a pouco, acaba nitidamente conica. ³ Ainda n'um recanto da Beira, em Bobadella, a povoação viva, junta á cidade extincta, renascendo uma das ruinas da outra, deixam perceber, das civilizações pre-romana, romana e post-romana, os elos d'um encadeamento successivo. ⁴

Na montanha a habitação, tradusindo a simpleza dos misteres e occupações do habitante, mantem-se n'uma elementar rudesza constructiva. Collocam-se os blocos sem cimentos ou dispõe-se o schisto em assentadas, deixando fendas por onde o fumo se esvae ou a luz entra. Tres, dois, mesmo um só compartimento aloja animaes e pessoas, cohabitação esta que, de resto, existe quasi sempre: gallinhas sobre os cates, ovelhas estorvando a mulher na sua occupação com o sarilho ou dobadura (Soutello, no Marão). Outras vezes, quando sob o pavimento o rebanho se agglomera recolhido, as emanações evolvem-se pelas largas fendas do sobrado (Tibo, alturas da Peneda, Gavieira) e um ou outro desmando da oviaria é corrigido fallando-lhe ou castigando-o através das juntas mal vedadas da madeira; n'uma canastra a creança e o cão dormitam juntos.

Na ribeira, por vezes, a casa terrea é ainda pouco mais que uma cabana, em roda da qual ou annexadas estão as córtes de ovelhas e de bois, o cobêrto e o

¹ ALFREDO CAMPOS. *Jornadas em Portugal. Castro Laboreiro*. In *Jornal de viagens e aventuras de terra e mar*, IV, pag. 53. Ferreira Brito ed. Porto, 1881.

² HERMENEGILDO CAPELLO e LEONARDO TORRES. *Viagens á Serra do Gerez e suas caldas em setembro de 1882*, in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, pag. 533, n.º 41, 4.ª serie. Lisboa, 1883.

³ MARTINS SARMENTO. *Ob. cit.*, pag. 25.

⁴ MARTINS SARMENTO. *Ob. cit.*, pags. 43-4.

celleiro; não raro um, dois aposentos, para cosinha, para comer, para dormir. A mesma simplicidade da montanha se vê ainda na disposição da pedra bruta, na cobertura a telha vã, nas janellas desguarnecidas e com o desagasalho da ausencia de vidraças. Esta habitação minhota com os seus annexos dá a impressão da casa rural romana nas primeiras epochas.¹ Então também a vivenda era de madeira ou de massiços blocos sem lavôr, edificada certamente ao gosto e por artífices vindos da Etruria.²

«Absorvido pela terra que o alimenta a si e á sua familia, o cultivador do Minho pede á casa só um-abrigo, sem luxo nem conforto». ³ Mas a amplitude da lavoura e a prosperidade dos casaes, desenvolvendo necessidades mais instantes e um paralelo desafogo, origina a accentuação mais viva dos caracteres que o predio então assume.

Erguendo um andar, a casa exteriormente nem sempre denuncia o que augmentou em proporções. A fachada mostra-se com duas, tres, quatro janellas, sob as quaes se abrem oculos ou frestas que vão illuminar e arejar os estabulos ou os armazens de provisões. O ingresso, vindo de fora, faz-se muitas vezes pela porta intermediaria do predio e do muro que veda o quinteiro enramado (Maia, Bouças). Lateralmente ao edificio, ou ainda na face opposta á frontaria, uma escada de pedra sobe junta á parede até ao nivel do sobrado. Outras vezes a escada mostra-se na fachada, partindo d'um alpendre superior e a um dos lados, seguindo para baixo com guarda ás vezes lavrada e de cujo remate se eleva, para o beiral, uma columna jonica de fuste esguio e longo.

Em volta d'este typo architectonico em que os baixos arrecadam e armase-nam e no andar existem os aposentos de viver, com a escada exterior encostada á fachada ou lateral, sôlheira, guardada ou não, grupam-se varias modalidades que a fortuna e a região explicam quasi sempre. No seu aspecto mais rudimentar esta casa faz pensar nas ruinas das construcções exhumadas em Mycenae, onde os muros, que a principio se julgavam fundações, circumscreviam os annexos de reservas e de arrumo. Acima erguer-se-hia o andar para onde dava a escada exterior e encostada, no topo superior da qual era a entrada; ao lado, e fora do predio, outra porta communicava por via d'um quinteiro—como ainda hoje, na Argolida, se veem as casas das aldeias.⁴

A habitação rural toma outro aspecto com as longas varandas ao correr. (Famalicão, Barcellos, Braga, etc.). A comunicação faz-se por fora, com escada

¹ OLIVEIRA MARTINS. *Historia da Republica romana*, 1, pags. 9-10. Pereira ed. Lisboa, 1885.

² CHOISY. *L'art de bâtir chez les Romains*, ap. E. GUHL et W. KONER. *La vie antique*. II, Rome. Nota da pag. 96. Rothschild ed. Paris, 1885.

³ ALBERTO SAMPAIO. *A propriedade e cultura do Minho*, pag. 126. Porto, 1888.

⁴ GEORGES PERROT et CHARLES CHIPIEZ. *Histoire de l'art dans l'antiquité*. VI, *La Grèce primitive*, pags. 353 e 682. Hachette ed. Paris, 1894.

perpendicular ou encostada; nos baixos recolhe-se uma parte da alfaia e está a adega, às vezes celleiros e até côrtes. Em roda a eira, as mêdas ou moreias, o poço, as côrtes, os telheiros com as barras onde se guardam os empalhos de inverno para os gados (Ancêde) ou se livram das chuvadas os pães que seccam no eirado.

No Minho a varanda salienta-se geralmente da fachada; em Traz-os-Montes este annexo subsiste e, como além, não raro se firma em esteios da rocha regional, granito ou lousa (Sanhoane). Mas tambem succede que o andar recolhe dentro (Fontes, Medrões) e a balaustrada se nivela com a frente.

Na Beira a varanda tem egualmente apoio na parede mestra, grossa no pavimento inferior e reintrante no segundo; não variando a parede, todavia, de prumada, a varanda subsiste firmada em esteios ou pilastras ¹. N'este caso e muito prolongada para a frente abriga, no sul, dos ardores d'um sol fâscante de verão; no outro, e muito ampla para traz (Algarve), é um terraço de frescura e repouso para as noites de calma, no estio.

Vê-se, por este summario, como a disposição dos balcões e das escadas imprime já caracteres diversos no exterior; pois se descermos a outros pormenores, a variedade das minudencias mais diversifica os typos e os aspectos.

Ha as coberturas de palha centeia nas chamadas casas-palhoças (Amarante, Mareo, etc.), de feno secco (Cabana Maior), de giesta ² (Castro Laboreiro), de schisto (Serra d'Arga, Marão), de telha vã, abrigos estes que só nas casas mais remediadas são interiormente revestidos pelos tectos de forro ou de masseira (Minho).

Dos telhados, resaltando á frente sobre cachorros de madeira recortada e ligados ao frechal (Arcos de Val de Vez, Ponte da Barca, Guimarães) sobem chaminés de typos varios, como a bombaça (Minho e Douro) ou as que semelham tumulos (Alemtejo), minarettes e zimbórios ³ (Algarve); n'outros nem existem: é na serra, onde as paredes parecem uniformemente vestidas de fuligem.

O pavimento é terreo no norte ou ladrilhado a tijolo no Alemtejo; os peitoris salientam-se um decimetro para fora (Guimarães); as padieiras e humbreiras são lavradas (Ponte do Lima, Vianna, etc.), ou só lisas, se é que, em muitos casos, estas guarnições nem se destacam; o forno é um annexo indispensavel na cosinha ou um accessorio independente ⁴ no exterior (Algarve); a lareira ou é a grande lage usada na ribeira ou a cova funda ⁵ adoptada na montanha (Castro Laboreiro).

Por fim as grimpas ou veletas figuradas (Azurara, Villa do Conde), as pom-

¹ GABRIEL PEREIRA. *Ob. cit.*, in *Arte cit.*, n.º 6, pag. 142. E ainda *Occidente cit.*, pag. 132.

² JOSÉ AUGUSTO VIEIRA. *O Minho pittoresco*, I, pag. 49. Pereira ed. Lisboa, 1886.

³ LEITE DE VASCONCELLOS. *Museu ethnographico portuguez*, in *Revista Lusitana*, III, pag. 226. Lopes ed. Porto, 1895.

⁴ *Inquerito cit.*, pag. 259.

⁵ JOSÉ AUGUSTO VIEIRA. *Ob. cit.*, pag. 49.

bas (Douro, Traz-os-Montes), as chimeras, os leões e as aves em olaria para os angulos dos beirões (Eixo, Aveiro), as cabeças de saurios, ao alto, nas paredes (Povoa, Villa do Conde), as portas com ornatos em relêvo e polychromos (Maia), os galeões, de velas pandas, lavrados em calcareo, nos cunhaes (Lisboa), os escudetes recortados para os fechos, os retabulos de azulejos, os nichos e as cruces de pedra embutidas nas fachadas, as ferraduras (Porto) como impedimento ao mau olhado e outros amuletos, tudo isto contribuirá para, estudando systematicamente as casas portuguezas, mais intima e seguramente se apreciar a vida do povo que as habita.

II

Através dos povos mais ethnicamente diferenciados e nas regiões da terra mais distantes é frequente ainda a habitação em que o material constructivo procede exclusivamente das florestas regionaes. Dos tempos neolithicos, da idade do bronze, como em breve lembraremos, deparam-se-nos vestigios de analogas construcções nas aldeias lacustres; de epochas historicas já remotas sabe-se que em cabanas de madeira se iniciaram povoações, mais tarde investidas, como Londres, n'um destino proeminente; na Roma antiga, na dos primeiros tempos, as casas eram de madeira e cobertas de ripas ou de colmo, distribuindo-se sem ordem pelas encostas das collinas da cidade.¹

Cabanas, no onomastico locativo portuguez, é ainda denominação de algumas freguesias e aldeias que, na tradição popular e erudita, tiveram a sua origem em barracas de taboado. Cabanellas, cabaninhas e cabanões formam uma toponymia de similar procedencia e contam-se em numero superior a uma dezena. O exemplo de Cabanas de Torres, na Estremadura, confirma talvez a interferencia do elemento tradicional na explicação denominativa. No seculo XIII uma peste assolou Torres Novas e Villa Verde dos Francos, levando as populações a emigrarem para Monte-junto onde um bispo mandou construir cabanas para abrigo do povo. Ahi ficou o nucleo da povoação futura, cuja denominação herdou das iniciaes construcções de asylo.²

Mas historicos que sejam a origem toponymica da freguesia e o facto que a explica, para outras localidades de cuja designação se não ha obtido esclarecimento authentico, semelhante tradição existe, sendo para notar, principalmente, as que se referem a povoações do interior.

Quanto ao littoral nem a tradição carece de ser corrente, tam illustrativos e

¹ OLIVEIRA MARTINS. *Ob. cit.*, I, pags. 49-20. — BATISSIER. *Art monumental*, ap. GUHL et KÖNER, *ob. cit.*, nota de pag. 96.

² PINHO LEAL. *Portugal antigo e moderno*, II, pag. 7, voc. *Cabanas de Torres*. Lisboa, 1874.

numerosos se apresentam ainda os exemplos de habitação de madeira que, em tempos pouco remotos, constituía a única espécie de casa da beira-mar.

Sabe-se que no lugar da Costa, na Caparica, ainda em 1823 ou 24 o monarca se hospedou na única casa de cantaria que se destacava em toda uma povoação de cabanas de pescadores. ¹ Pelos meados d'este século Espinho era uma agglomeração de palheiros ² de que ainda hoje os exemplos são bem patentes e em numero. Um chorographo estimado decalca mesmo uma imaginosa etymologia n'esse typo de habitação: diz que Buarcos era uma povoação de gallegos, os quaes, achando n'aquella costa boas pescarias, fundaram cabanas de «brunhos e arcos» em que viviam, e, corrompidas estas palavras com os vícios do tempo, se denominou depois assim a localidade alludida. ³

Ora independentemente d'estas referencias e de muitas outras que existem esparsas por varios ensaios chorographicos e memorias locaes, frequentemente obtidas nos archivos das camaras, dos cartorios e das confrarias, restam ainda, vivazes, povoações completa e exclusivamente formadas de palheiros.

No littoral minhoto os grupos de barracas ou telheiros que mesclam a praia constituem, as mais das vezes, abrigos para os utensilios destinados á colheita das algas e propositadamente edificados sob esse intento, mercê do papel attribuído áquella espécie de adubo agricola. São principalmente as que vemos na Ponta do Cabedello, Moledo e Cahide (sul da foz do Minho), Moínho do Bispo, Fão e Gramadoura. D'ordinario constituem dependencias de casas de lavoura, só utilizadas, fora do abrigo referido, nas epochas de procura do sargaço e em vista da arrecadação volante d'este ou como residencia temporaria do sargaceiro.

Mas em outros logares da costa estabeleceram residencia permanente,—e, em muitos casos, desde tempos immemoraveis—varias populações para as quaes a apanha dos moliços, salva uma ou outra excepção conhecida, é uma subsidiaria occupação lucrativa apenas apreciavel. Cortegaça, Furadouro, Torreira, S. Jacintho, Tocha e outras praias do littoral extremenho e algarvio são povoações em que o labor quasi exclusivo dos habitantes é a pesca. N'estas predomina o palheiro de taboadó, excluindo-se quasi toda a habitação erguida com qualquer outra natureza de materiaes. E em variada proporção se encontra, quasi n'uma immutavel traça, em Sedovem, Villa Chã, Granja, Espinho, Cortegaça, Macêda, Quiaios, Buarcos, Lavos, Leirosa, Pedrogão, Ericeira, no Algarve, por fim. Naturalmente a invasão da casa de cantaria, de adobe, de tijolo e mixta, substituindo o palheiro barato e facil, corresponde a um desenvolvimento material das localidades a que são estranhas, quasi sempre, as populações de pescadores.

¹ PINHO LEAL. *Ob. cit.*, II, pag. 98, voc. *Caparica*.

² PINHO LEAL. *Ob. cit.*, III, pag. 62, voc. *Espinho*.

³ P. ANTONIO CARVALHO DA COSTA. *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*, II, pag. 66. Lisboa, 1708.

Furadouro, onde em 1881 um incendio destruiu para cima de tresentas cabanas, ¹ poderia ser escolhida como typo de povoação exclusivamente formada de palheiros. Buarcos e principalmente a região comprehendida entre o sul da freguesia e o limite norte da Figueira, apresenta um aspecto mixto onde as habitações de taboa alternam com as de alvenaria, ou ainda as primeiras, com os seus enchiamentos exteriores, estabelecem já uma passagem para a substituição de materiaes. Na Povia de Varzim, por ultimo, o predio de taboado desaparece rapidamente, mal se encontrando já um ou outro disperso e até, as mais das vezes, adaptado a armazens de sal e de pescado.

Sob qualquer d'estes tres aspectos se encontram bastantes povoações maritimas ou ribeirinhas, dominando emtanto aquellas que se denunciam, costa fora, pelos seus arraiaes de palheiros agglomerados nos comoros ou nas depressões das praias. Por vezes o pescador vive em logares affastados da beira-mar e aqui possui apenas, como vimos para alguns lavradores do noroeste, barracas de habitação temporaria, de armazenagem e retém; é o que se observa, principalmente, na Apulia, na Aguçadoira, em Aver-o-Mar e em outras localidades onde o mister rural se alterna com o da piscicultura. Mais raro e ephemeramente acodem a alguns logares da costa, em certas epochas, grupos de pescadores que residem a bordo n'esses curtos periodos de safra.

Mas no caso mais frequente do isolamento á beira d'agua, os contactos com as povoações do interior limitam-se ás simples transacções mercantis, excluidas raras necessidades instantes, uma romaria ou um voto. O pescador, e nomeadamente o das pequenas circumscripções que elle proprio erigiu em estancias de residencia e labor, mantem-se systematicamente affastado e indifferente aos aspectos da vida das populações visinhas. Não lhe conhece e, consequentemente, não appetite o que, para o observador, traduziria progressos já sensiveis de conforto e regalo. A sua casa, pois, o seu palheiro, é a imagem do seu viver, sobrio, estrictamente limitado ás necessidades que, em quota infima, carece de satisfazer para a manutenção d'uma existencia quasi barbara.

A sala, á qual dá ingresso immediato a porta externa, com um postigo, ou uma janella, ou mesmo duas lateraes, armazena rêdes, utensilios, material para o encasque, caixas do vestuario e a barra do casal, não raro duas. Taipaes de forro e ripa isolam este de um ou dois compartimentos que alojam frequente e promiscuamente a descendencia. Uma cosinha, que ainda arrecada alfaias profissionais de mistura com a olaria e outro mobiliario domestico, remata a habitação, ampliada por vezes com uma pequena area de serventia para a ruella conjuncta e onde a couve ou a sardinha medram.

Quando melhora, o palheiro augmenta em mais duas ou tres as dependencias, supprime da saleta anterior o leito ou leitos, alarga a cosinha e cobre de cal

¹ PINHO LEAL. *Ob. cit.*, IX, pag. 618, voc. *Torreira*.

os tapamentos. A traça mantém-se simples, alinhando-se as saletas da frente ao fundo, bipartindo-se uma ou outra do interior, communicando-se por vezes mutuamente e dando todas, d'um lado, ao corredor commum, de fora a fora. (Fig. 1). O vermelhão vela exteriormente a côr do pinho; e quando, ladeando postigos e janellas, uma guarnição de madeira as emmoldura, destaca-se pelas côres azul ou branca. Ao alto o numero camarario, para o vexame d'um imposto exorbitante. D'uma cobertura de duas aguas, telhada, raro colmo, irrompe, para escoante do fumo da cosinha, uma bombaça, quando não é uma simples abertura ou mesmo nada. E lateralmente, em direcções verticaes ou horisontaes, conforme o taboado se dispõe, a vedação faz-se por talas. Nem ornatos, nem enfeites.

Evolucionando ainda, a construcção assenta sobre alicerces de rocha regional e por sobre o primeiro pavimento ergue-se outro, com duas janellas de sacada, uma varanda, madeira tudo. Então é maior o desafogo, mantendo-se todavia o desalinho. Este proprietario já tem barcos e dominio ou é um pequeno mercador que afflora, imagem subalterna do alto traficante cidadão prosperando sob o regimen do emprestimo, do fiado, da usura, mercê de paralysações violentas e forçadas no trabalho e até da imprevidencia da classe se os lucros de tal faina dessem para arrecadar mealhas e sobejos.

Mas quando, por circumstancias varias, a localidade se desenvolve e começa a infiltração de estranhos, edificando com adobe, tijolo ou cantaria, os palheiros de mais vulto encobrem-se sob rebocos externos que progressivamente invadem o interior até se substituirem lento e lento por material mais duradouro. Só aqui ou além restam os despojos do arraial primevo.

Motivos de ordem meteorologica, entre outros, não darão ensejo a transformarem-se muitas das paragens littoraes onde se estabeleceram colonias piscatorias. Ellas conservarão, em toda a sua exemplificação e ensinamento, o quadro d'uma existencia atrasada de seculos com varios dos aspectos que assignalam modos de viver remotos. Ainda na Costa Nova do Prado é frequente destelharem-se os palheiros para os conduirem a distancia sobre tóros, fugindo ao impeto das marés. Acalmada, porém, a vaga, deslocam-se de novo para mais perto. E com a violencia herculea d'este esforço assim evitam o trabalho mais assiduo de manejo, ao sahir ou aportar.

N'outras é a duna que detem os invasores. Só o pescador resiste assentando a habitação sobre estacas altas para vasante das areias e marcando assim, no povoado, um novo aspecto da sua adaptação e engenho.

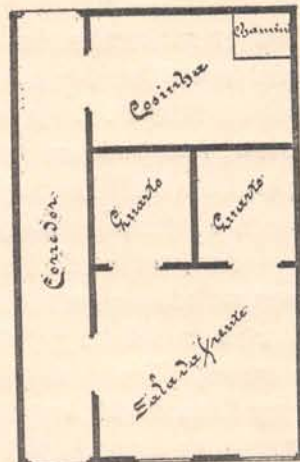


Fig. 1.—Planta d'um palheiro.
Buarcos.

III

Datam dos tempos neolithicos habitações semelhantes sobre estacaria. Pelos meados do seculo, em Meilen, no lago Zurich, foram descobertos os despojos d'uma povoação que deveria, como se averiguou em breve, assentar sobre supportes de madeira—trancos de arvores dispostos verticalmente e altos de sorte a isolarem os pavimentos das casas da toalha de agua lacustre. O grupo de habitações que teriam formado a aldeia communicava com a terra firme por uma ou mais pontes estreitas. E n'essas cabanas, circulares ou quadradas, ¹ colmadas provavelmente, rematando em cone ou em cobertura de dois pendores, encerrava-se todo um mobiliario de civilização relativamente avançada, como o denunciam as armas, os artefactos e principalmente os vestigios d'uma vida já activa e periodica de lavoura.

As dusetas aldeias ² que se contam no paiz classico das palafittas offerecem uma variada e extensa serie de documentos com os quaes se reconstrue facilmente o estado social das populações que as habitaram: facas e pontas de lança, harpões e anzoës, alfinetes e espatulas, olaria grosseira mas bastante ornamentada, pentes para linho, cordas, estofos de linho e canhamo, vestuarios de pelles, cereaes, fructos e um ossuario tam rico como elucidante acerca dos animaes que o homem então conseguira domesticar. ³

Effectivamente todos estes rebotalhós lançados á agua, dando margem a conhecerem-se com sufficiente individuação os mammiferos selvagens e domesticos que constituem a fauna mammalogica da Europa central ⁴ esclarecem-nos sobre a duração e occupação de semelhantes povoações, considerado o tempo decorrido e necessario para uma domesticação progressiva mas lenta, e, ainda mais, a formação de rebanhos ⁵ de cuja existencia a authenticidade é irrecusavel. Por outro lado a cultura de cereaes determinando a fixação ao solo d'uma parte sequer das populações, despertando-lhes o habito do trabalho periodico, embora n'um periodo mais ou menos restricto do anno e indusindo-os derivativa e previdentemente a accumularem, desenvolve costumes sedentarios em substituição dos habitos nomadas peculiares a tribus inicial e essencialmente entregues á caça e ao pastoreio. As arvores

¹ JOHN LUBBOCK. *L'homme préhistorique*, I, pag. 175. Alcan ed. Paris, 1888.

² LUBBOCK. *Ob. cit.*, I, pag. 174.

³ ALEXANDRE BERTRAND. *La Gaule avant les gaulois d'après les monuments et les textes*, pags. 172-3, Leroux ed. Paris, 1891. — N. JOLY, *L'homme avant les métaux*, pags. 408-9, Baillière ed. Paris, 1879.

⁴ GABRIEL DE MORTILLET. *Origines de la chasse, de la pêche et de l'agriculture*. I, *Chasse, pêche. Domestication*, pags. 98-100, Lecrosnier et Babé eds. Paris, 1890.

⁵ MARQUIS DE NADAILLAC. *Mœurs et monuments des peuples préhistoriques*, pag. 130. Masson ed. Paris, 1888.

de fructo; por fim, a vinha mesmo, ¹ já para a epocha do bronze, mais radicarão ao logar os grupos primitivamente pastoraes. Ver-se-ha pois e assim substituída a tribu pelo municipio agricola; a cidade será possível — a cidade d'onde sahirá a nação. ²

Agricultores, industriaes, commerciantes, ³ revelando pela riqueza dos seus legados toda a civilisação neolithica em boa parte inedita, mantendo-se em desenvolvimentos graduaes e crescentes, até a edade do bronze, até epochas historicas conhecidas, quem eram esses homens, d'onde procediam, que motivos determinavam essas formas estranhas de construcção, a escolha proposital de logares arredados do solo por massas de agua mais ou menos volumosas e distantes?

Bertrand, consignando que as palafittas poderiam ser uma innovação local motivada pelo clima, prefere explicar por uma tradição estranha a edificação das povoações sobre lagos. Um texto de Heródoto, que reproduz, ⁴ refere que, ao tempo da expedição de Megabyze, na Thracia, certos povos, não inteiramente subjugados, viviam em casas construídas sobre estacas muito altas, enterradas nos lagos; em certos logares da Phrygia encontram-se vestígios de habitações semelhantes; d'outros velhos textos se infere a existencia, para lá, de povoações lacustres. Duas correntes de emigração concebe, pois, que se realisassem na epocha da pedra polida: uma, hyperbolica; a outra na direcção de leste, seguindo a via do Danubio, d'um lado, a do Dniéper do outro. E a esta se ligariam as cidades lacustres.

Tendo sido sempre o valle do Danubio a grande arteria de communicação entre o Oriente e Occidente, são para notar, do mesmo passo, as varias povoações lacustres n'este percurso e, entre ellas, a do lago de Laybach, na Carniola, uma das estações lendarias dos argonautas. Alliando estes factos com a distribuição das terramares, concluir-se-hia uma migração do Caucaso, terminando na Gallia, pelo valle do Danubio, com derivação muito variavel sobre a Italia. ⁵

A esta interessante explicação, ephemera e limitadamente accéite, cumpre acrescentar a de Worsaë, Keller, Virchow e outros que attribuiram a aborigenes do norte e oeste da Europa a construcção de povoações sobre lagos, não tanto em face de dados anthropologicos, mas por inducções sobre o mobiliario, a dispersão geographica e outras. A erecção das sepulturas proximas mas fora, naturalmente, do ambito das aldeias lacustres e a raridade dos despojos humanos ⁶ explicam o mutismo da anthropometria na determinação da origem e caracteres das populações que elevaram casas acima d'agua. Imaginaram-se ainda estas estações como

¹ MORTILLET. *Les boissons fermentés*. Ext. in *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, VIII, fasc. 5, pag. 430. Masson ed. Paris, 1897.

² ZABOROWSKI. *L'homme préhistorique*, pag. 137, 3.^a ed., Bailliére ed. Paris.

³ JOLY. *Ob. cit.*, pag. 108. — LUBBOCK. *Ob. cit.*, pag. 213.

⁴ BERTRAND. *Ob. cit.*, pag. 178. Encontram-se ainda referencias ou transcrições do mesmo texto em: JOLY, *ob. cit.*, pags. 113-4; NADAILLAC, *Les premiers hommes et les temps préhistoriques*, I, pag. 242. Masson ed. Paris, 1881.

⁵ BERTRAND. *Ob. cit.*, pags. 163-6, 178-81.

⁶ R. VERNEAU. *Un nouveau crâne humain d'une cité lacustre*, in *L'Anthropologie*, v, pag. 54. Masson ed. Paris, 1894.

sendo estabelecimentos de pesca, semelhantemente ao que succede hoje com as construcções, para analogo destino, á beira-mar; supposeram-as ou logares de reuniões temporarias, ou templos consagrados ao culto das aguas. Mas a profusão do mobiliario e a sua varia multiplicidade e evidentes destinos, assignalavam manifestamente uma estabilidade prolongada e ainda, cotejando os despojos, uma identidade de costumes taes que as affinidades das populações constructoras das estações prehistoricas helveticas e outras de semelhante typo pareciam incontestaveis. Talvez mais tarde é que as palafittas da epocha do bronze se destinassem a armazens de commerciantes que, procedentes dos estados escandinavos, negociavam com os indigenas, hypothese esta presumivel ante os numerosos utensilios de bronze que se encontraram sem vestigios de emprego. ¹

Seria pois uma mesma raça — a da migração de Bertrand, a de Keller, outras ainda — que edificou semelhantes habitações em todos ou quasi todos os lagos da Suissa, no Mecklemburgo e na Escossia, ² em varias regiões da França, ³ na Italia do norte, ⁴ na Austria, na Hungria, na Pomerania? ⁵ E á raça a que se attribuem as aldeias lacustres, ainda se refeririam os habitantes das estações que persistiram até á idade do ferro, mesmo á epocha romana, ás da Irlanda já mencionadas em documentos da sua historia antiga, ⁶ ás dos tempos carlovingios, ⁷ ás da Alemanha, no seculo XIII da nossa era, ⁸ mesmo ás actuaes em certo rio da França? ⁹ A similitude constructiva, os logares eleitos para a residencia permanente e a simultaneidade de progressos nas artes, nas industrias, na lavoura permitem acariciar desvanecidamente a ideia d'uma unidade ethnica. Outros factores, porém, entram com o seu peso — os mesmos que explicam construcções analogas nos logares mais distantes: as casas sobre estacas da Nova Guiné, as de Cambodge, na Indo-China, ¹⁰ as das Celébas, Mindanao, Borneo e Carolinas, ¹¹ as da Cochinchina, ¹² as de Sião, ¹³ as da America. ¹⁴

¹ DÉSOR. *Le bel âge du bronze en Suisse*, ap. BERTRAND, *ob. cit.*, pags. 209-10, nota. Vid. ainda LUBBOCK, *ob. cit.*, pags. 208-9.

² LUBBOCK. *Ob. cit.*, pags. 170-1.

³ ÉMILE CARTAILHAC. *La France préhistorique*, pag. 136, Alcan ed. Paris, 1889. — NADAILLAC, *Mœurs* cit., pag. 129.

⁴ LUBBOCK. *Ob. cit.*, pags. 170-1.

⁵ JOLY. *Ob. cit.*, pag. 106.

⁶ LUBBOCK. *Ob. cit.*, pags. 172-3.

⁷ PHILIPPE SALMON. *Dictionnaire des sciences anthropologiques*, pag. 845, voc. *Palafittes*. Doin ed. Paris.

⁸ NADAILLAC. *Les premiers hommes*, pag. 251.

⁹ M. BOULE. *Les anciennes habitations lacustres de Lignéres (Cher)*, in *L'Anthropologie*, VIII, pag. 52. Paris, 1897.

¹⁰ JOLY. *Ob. cit.*, pag. 115.

¹¹ LUBBOCK. *Ob. cit.*, pag. 171.

¹² SALMON. *Ob. cit.*, pag. 845.

¹³ LUCIEN FOURNEREAU. *Le Siam ancien*. 1.ère partie. In tom. XXVII dos *Annales du Musée Guimet*, pag. 205, Leroux ed. Paris, 1895

¹⁴ JOLY. *Ob. cit.*, pag. 115.

A massa d'agua mais ou menos consideravel defende, em regra, estas aldeias das incursões dos povos visinhos e impede os ataques dos animaes selvagens: agora, como então, considerados o estado social e a fauna perigosa existente. O abrigo permanente é um asylo; o asylo é uma defesa de animaes, de homens, até das aguas nas grandes innundações. ¹

E tal opinião, universalmente partilhada já, com intervenção ou exclusão de raças que imprimissem ás suas povoações uma certa architectura adaptada a meios especiaes, explica sufficientemente a identidade das faculdades humanas nas dif-



Cl. de R. P.

Fig. 2.— Um aspecto da Cova de Lavos.

ferentes manifestações do seu proceder, nos processos de defesa, por exemplo, em face de obstaculos semelhantes, mesmo quando é um azteque que se defende do inimigo, o helvetico d'um mamifero feroz, o habitante da terramare da Alta Italia das innundações do pantano e o pescador do littoral portuguez, como vamos ver, das areias da duna.

Que as habitações sobre estacarias não são devidas ao genio proprio d'um povo vê-se facilmente quando se attende á distribuição d'ellas pelas paragens mais affastadas onde residem homens das mais diversas raças. Mas imaginal-as ² for-

¹ SALMON. *Ob. cit.*, pags. 4043-6, voc. *Terramares*.

² CHARLES GARNIER et A. AMMANN. *L'habitation humaine*, pag. 57. Hachette ed. Paris, 1892.

más universaes da casa e correspondentes a phases que atravessou a humanidade, desconhecendo ou negando a influencia das circumstancias locaes, eis uma deploravel leviandade.

Esta divagação vae legitimar-se como esclarecimento subsidiario do que segue.

IV

No littoral portuguez a area dos terrenos cobertos pela areia era, nos meados do seculo, de 72:000 hectares. Entre Ovar e Quiaios e na região limitada pelas fozes do Mondego e Liz a duna avança, desde muito, seis metros por anno, em media, contando-se logares onde a invasão das areias chegou a conquistar 40 me-

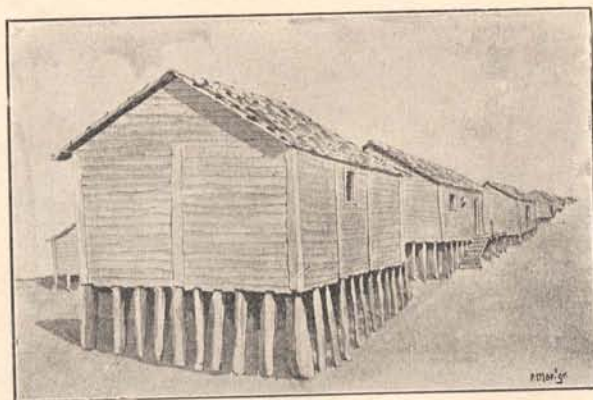


Fig. 3. — Uma rua na Cova de Lavos.

tros de terra habitada ou aravel. Lavos já hoje não existe na sua antiga situação mercê da duna que invadiu o logar onde assentava a povoação primitiva; Quiaios teria o mesmo destino sem um pinhal de defesa plantado a tempo.

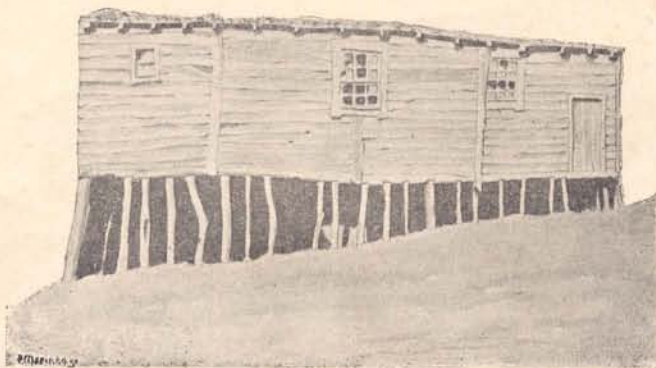
Impedir essa formação crescente de medões para o interior e evitar o seu natural cortejo de prejuízos tem sido, desde o principio do seculo — para só alludir ás provisões e trabalhos mais modernos — uma occupação intermitente e diminuta da administração florestal do paiz.¹

O pescador, porém, como o manejo da sua pesada alfaia o obrigue a não se

¹ ROCHA PEIXOTO. *A Terra Portuguesa*, Chardron ed. Porto, 1897. No capitulo *As dunas* (pags. 167-177) é este assumpto tratado resumidamente nos seus varios aspectos. Para maiores explanações contamos, na nossa litteratura silvicola, varios trabalhos de valor e alguns mesmo notaveis: *Relatorio ácerca da arborisação geral do paiz* (pags. 37-69), Lisboa, 1868, de Carlos Ribeiro e Delgado; *Relatorio da administração geral das mattas* relativo ao anno economico de 1879-80 (pags. 6 e seg. e 29 e segs.), Lisboa, 1881; *Pinhaes, soutos e montados*, 1.^a parte: *Pinhaes*, (pags. 59-89), Lisboa, 1882, de Sousa Pimentel; *Curso de silvicultura* (pags. 280-87 do tomo 1), Lisboa, 1886, de Pereira Coutinho, etc.

distanciar muito da costa quando, caso mais frequente, a pesca é a sua exclusiva occupação, adaptou o palheiro á instabilidade do solo em que habita. Vencer ou attenuar esta acção da dynamica terrestre e principalmente na região onde ella se accentua com mais intensidade foi o que conseguiu com as habitações sobre estacaria. Mira, na extremidade do braço da ria de Aveiro que se prolonga para o sul, Cova de Lavos ao sul da foz do Mondego e distante d'esta uns dois kilometros, Vieira, nas proximidades de Leiria, são as tres povoações onde dominam os palheiros construidos d'esta sorte. Na Costa Nova, em Quiaios e em Buarcos encontram-se ainda alguns; na Figueira resta a lembrança de construcções semelhantes; n'outros logares é possivel ainda o seu encontro, dada a extensão da zona em que são os mesmos os effeitos dos ventos mareiros.

Taes cabanas não differem das já descriptas, tirante os supportes em que se



C. Villares, des.

Fig. 4. — Palheiro junto á linha das altas marés.

firmam. Em Mira a habitação comprehende tres a seis compartimentos e na disposição que conhecemos; a frente mede seis a dose metros, a altura limita-se entre tres e quasi cinco, o fundo vae de quatro a nove ou seja, proximamente, o que se observa nos outros palheiros littoraes. Se descessemos a minucias veriamos, nas portas e janellas, estas fixas, de par ou de correr, na pintura exterior e no abrigo, a mesma conformidade.

Na Cova de Lavos contam-se 500 d'estas habitações, segundo uma informação local, numero este em desacordo manifesto com a população dada pelas estatisticas e da qual se destacam apenas duas centenas de homens que formam as companhias de artes de arrastar e tripulam as embarcações de pesca costeira.

Não obstante, e como em Mira, encontram-se na Cova habitações sem estacas, principalmente na região mais distante do mar e já sob o abrigo das que se dispõem em frente; mas aqui o numero de palheiros que a estacaria supporta é bem maior embora não atinja, ao que parece, o numero dito.

Disseminados (fig. 2), ás vezes em arruamentos (fig. 3), abrangendo emtanto uma area vasta, os que mais perto ficam d'agua, firmam-se sob pilares que, á

vista, medem três metros e até mais (fig. 4). D'ordinario, porém, a altura, como em Mira, oscilla entre um metro e dois, e nunca atinge, como em Vieira, cinco e além.

Sem excepção a forma é rectangular e o acesso faz-se por escadas que dão para uma ou duas portas do edificio (fig. 5). A cobertura, primitivamente de colmo, conforme a tradição, está toda substituida, e n'um ou n'outro caso raro que ainda havia (fig. 6) realisou-se vae em pouco. Em Mira o palheiro é, uma ou outra vez, pintado exteriormente; na Cova quasi todos — a vermelhão no corpo geral do predio, a côres claras nas guarnições.

Como geralmente em todas as povoações costeiras, ter casa propria, na Cova de Lavos, é uma aspiração suprema e quasi sempre realisada, ou ella seja modesta



Cl. de R. P.

Fig. 5.— Palheiro isolado com dois accessos.

e custe vinte libras, ou vasta e folgada e vá até ás cem. Depois ha os reparos e a substituição frequente das estacas, e, se a prosperidade ajuda, tingem-se de cal interiormente.

Dentro o aceio, de que a bilha de agua sempre coberta com um panno alvo de linho é um traço já proverbial nas immediações, manifesta-se no aspecto de soalhos e paredes, na disposição dos moveis e na exclusão dos petrechos de pesca menos limpos. Para estes destinam-se velhos barcos já inuteis, como em Buarcos; e por fim, como subsidio previdente a uma industria de natureza essencialmente aleatoria, o pescador da Cova cultiva terrenos areentos proximos que aluga ou de que se apossa e d'onde obtem alguns legumes, cereal, tuberculo, a vinha mesmo.

Ora o aspecto d'esta povoação, com o solo incessantemente revolvido, mas installada como n'uma depressão, dá a imagem, talvez approximada, d'uma aldeia

lacustre. ¹ Esta suggestão já foi até exarada em livro. ² E varios observadores teem suspeitado mesmo que na região e em outras do littoral recortadas por estuarios e bahias, existiriam, em eras longinquoas, verdadeiras habitações lacustres. Das localidades referidas só na Costa Nova os palheiros se encontram em situação tam proxima da agua que, nas marés vivas, esta avança e passa sob as casas. De resto nem na tradição sequer se lograria encontrar indicios de semelhantes construcções á beira d'agua, nas fozes dos rios ou nos lagos e pantanos littoraes.

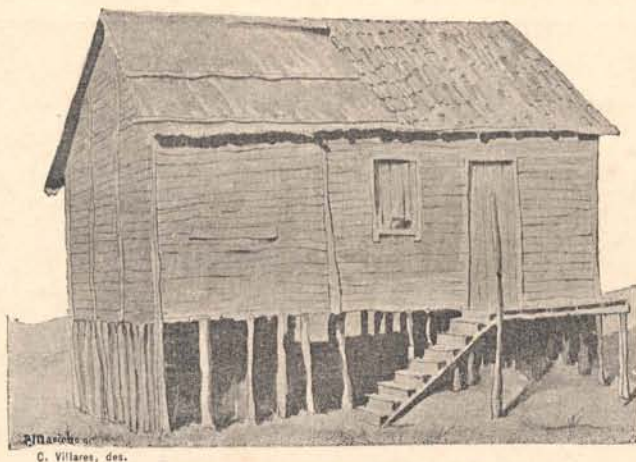


Fig. 6.— Palheiro onde se iniciava a substituição da cobertura de colmo pela de telha.

Lendas de cidades da península subvertidas encontram-se no interior do paiz, ³ e principalmente em toda a Galliza ⁴ onde por ventura, em Santa Cristina, se teriam obtido outr'ora, dos fundos d'um lago, olarias, pedras trabalhadas e objectos de ferro denunciando uma povoação extincta. A tradição das cidades submer-

¹ Das aldeias lacustres prehistoricas e das habitações actuaes construídas sobre estacaria encontram-se reproducções nos seguintes trabalhos de fácil encontro : BERTRAND, *ob. cit.*, figs. 152-3 de pags. 176-7; FOURNEREAU, *ob. cit.*, pls. LIX-LXI e LXX; GARNIER et AMMANN, *ob. cit.*, figs. de pags. 55, 59, 66 e 849; JOLY, *ob. cit.*, pag. 99 e fig. 36, pag. 115; MODIGLIANI (E.). *Un viaggio a Nias*, ap. commentario bibliographico de J. Deniker, in *L'Anthropologie*, I, figs. 7, 8 e 9, pags. 349-51; MORTILLET (G.). *Le Préhistorique*, fig. 51, pag. 486. Reinwald ed. Paris, 1885; MORTILLET (G. e A.), *Musée préhistorique*, fig. 752, pl. LXXII. Reinwald ed. Paris, 1881; RAFFRAY (A.). *Viagem à Nova Guiné*, in *Á volta do Mundo*, figs. vars. nos toms. II e III. Sousa Pinto ed. Lisboa, 1882-3; SALMON (PH.), *ob. cit.*, figs. 261, 263 e 266, pags. 1043, 1045-6. Etc.

N'um livro de vulgarisação (HENRI DU CLEUZIQU. *La création de l'homme et les premiers âges*, Marpon ed. Paris, 1887), só recomendavel com restricções, encontram-se algumas estampas boas, outras mediocres. Vid. pags. 13, 41, 297 (em frente), 300-1, 304 e 517.

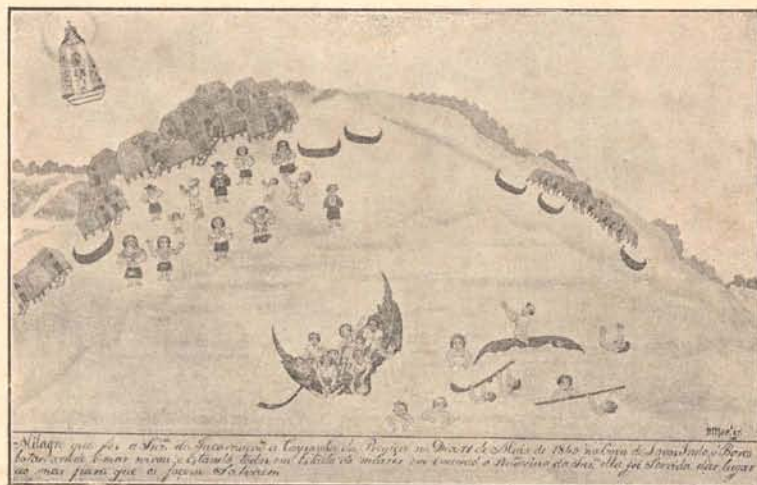
² LEITE DE VASCONCELLOS. *Religiões da Lusitania*, pag. 59. Lisboa, 1897; *Museu cit.*, d'onde o A. extracta, para o livro precedente, o que se refere a este assumpto.

³ LEITE DE VASCONCELLOS. *Portugal pre-historico* (Bibl. do povo e das escolas) pag. 60. Lisboa, 1885.

⁴ ÉMILE CARTAILHAC. *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pags. 71-2. Reinwald ed. Paris, 1886.

sas em castigo da má acolheita a varias figuras religiosas generalisa-se por numerosas localidades da provincia hespanhola. ¹ Ainda mulheres encantadas habitam palacios debaixo das ondas; ² e nos nossos contos populares é frequente surgirem os lagos por sobre os castellos e palacios em ruina. ³

Documentação authentica, porém, a assegurar a existencia das palafittas ex-historicas na península não existe. As nossas habitações sobre estacaria, á beiramar, com o seu aspecto semelhante ás povoações lacustres reconstituídas nas me-



F. 611, esp.
Fig. 7. — Tabula votiva da capella da Encarnação de Buarcos, representando um naufragio em frente da Cova de Lavos.

morias espezias, teem, como já vimos, outra explicação. Pela similitude de apparencia, este facto, entre muitos, nos denota, e como indicamos já, a similaridade de proceder em face de perigos cuja defesa pode investir-se n'uma mesma expressão. E certo é que por todas as condições de existencia em que se mantem as populações ribeirinhas, não só as cabanas littorae tradusem situações de vida bastante remotas: os processos de industria, a alfaia, as formas de vida social e religiosa affastam-nos, ao estudal-as, para estadios de civilizações idas que um isolamento relativo, como nos serranos, prolongou até agora.

Porto. Setembro, 1898.



ROCHA PEIXOTO.

¹ MANUEL MURGUÍA. *Galicia (España. Sus monumentos y artes. Su naturaleza é historia)*, pags. 29-44. Cortezo y C.^{ia} eds. Barcelona, 1888.

² MURGUÍA. *Ob. cit.*, pag. 39.

³ THEOPHILO BRAGA. *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*, I, pag. 44. Ferreira ed. Lisboa, 1885.

